

Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil

Simone Alves da Cunha^{1,3} e Ieda Maria Bortolotto²

Recebido em 25/03/2011. Aceito em 4/07/2011

RESUMO

(Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil). O objetivo desse trabalho foi realizar um estudo etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pelos moradores do assentamento Monjolinho, Anastácio, Mato Grosso do Sul. Foram entrevistados através do método bola de neve 35 moradores (33 mulheres). As espécies (210) pertencem a 72 famílias, destacando-se as nativas do Cerrado, sendo o restante cultivado próximos das casas. Fabaceae e Asteraceae foram as mais citadas. Das 23 espécies de Fabaceae, 20 são nativas. As espécies que obtiveram o maior número de citações foram jatobá (*Hymenaea* spp.) e o barbatimão (*Stryphnodendron obovatum* Benth.) e as com índice de concordância de uso (CUP) alto foram barbatimão (*S. obovatum*) e cancorosa (*Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch). As folhas foram as partes mais utilizadas. As doenças do aparelho respiratório e geniturinário foram as mais citadas. A diversidade ($H' = 5,03$) de uso das espécies é alta. O conhecimento foi adquirido entre amigos (37%), cursos (17%) ou família (39%) e mostra que, ao longo do tempo, há expressivo aproveitamento das espécies medicinais e conhecimento da comunidade.

Palavras-chave: Cerrado, espécies nativas, transmissão de conhecimento

ABSTRACT

(Ethnobotany of medicinal plants in the Monjolinho settlement, Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brazil). This work carried out an ethnobotanical survey of the medicinal plants used by the inhabitants of the Monjolinho settlement in Anastácio city, in the state of Mato Grosso do Sul. The goal of this work was to verify how residents congregate information brought from their place with information obtained where they live now, and to verify how the knowledge of spontaneous and native species from *cerrado* varies in relation to the specie cultivated. A total of 35 inhabitants were interviewed using the snowball method (33 women). The species (210) recorded belong to 72 families. Of these, many are native Cerrado species and the remaining species are cultivated next to the houses. Fabaceae and Asteraceae were the most cited families. Of the 23 species of Fabaceae, 20 are native. The species with the highest number of citations were jatobá (*Hymenaea* spp.) and barbatimão (*Stryphnodendron obovatum* Benth.). Those with a high agreement index of use (CUP) were barbatimão (*S. obovatum*) and cancorosa (*Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch). Leaves represented the most used parts. Diseases of the respiratory and genitourinary systems were cited. The species use diversity ($H' = 5,03$) was high. The information was acquired from friends (37%), courses (17%) or family (39%), and shows that there is use of medicinal species, and knowledge about these plants, in the community.

Key words: *cerrado*, native species, transmission of knowledge

Introdução

Estudos etnobotânicos têm sido desenvolvidos com o objetivo de registrar o saber botânico tradicional particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (Guarim Neto *et al.* 2000). Eles indicam como as pessoas afetam a biologia de determinadas populações de plantas, não apenas sob aspectos negativos, mas beneficiando e promovendo

os recursos manejados (Albuquerque & Andrade 2002). Comunidades que ocupam ambientes diversificados, e com grande número de espécies, têm oportunidades de explorar uma gama maior de recursos (Amorozo 1996). É o caso do Cerrado que abriga 30% da diversidade do país (Pagotto *et al.* 2006) e ocupa cerca de 23% do território brasileiro. Sua flora é considerada a mais rica entre as savanas do mundo (Mendonça *et al.* 1998), mas é pouco conhecida e há carência

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Campo Grande, MS, Brasil

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Biologia, Laboratório de Botânica, Campo Grande, MS, Brasil

³ Autora para correspondência: simone_msa@hotmail.com

de estudos voltados para a identificação de plantas úteis, principalmente se consideradas sua rica diversidade e área ocupada (Guarim Neto & Morais 2003).

Os estudos etnobotânicos têm sido desenvolvidos em diversas regiões brasileiras por Prance (1987), Albuquerque & Andrade (2002), Pasa *et al.* (2005) e Miranda & Hanazaki (2008). No Cerrado pode-se destacar os trabalhos de Guarim Neto & Morais (2003), Vila Verde *et al.* (2003), Souza (2007), Silva & Proença (2008), entre outros. No Mato Grosso do Sul trabalhos como os de Pott & Pott (1994) trazem informações sobre diversas espécies do Cerrado que ocorrem também no Pantanal; Schardong & Cervi (2000); Nunes *et al.* (2003); Bueno *et al.* (2005) e Alves *et al.* (2008) mostram o grande conhecimento da população, como também evidenciam a carência destes estudos no Estado.

Segundo Oliveira *et al.* (2009), no Brasil, dentre as diversas categorias de usos da flora, há um predomínio de trabalhos com plantas medicinais. Amorozo & Gély (1988), Milliken & Albert (1996), Amorozo (2002), Begossi *et al.* (2002), Guarim Neto & Morais (2003), Ming & Amaral-Junior (2005) e Pinto *et al.* (2006) tratam da importância das plantas medicinais para as populações estudadas por eles. A abordagem desse tema permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente, e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas (Amorozo 1996). O reconhecimento e o resgate do saber local sobre as plantas medicinais são fundamentais em comunidades rurais, pois os remédios caseiros surgem como alternativa de cura, muitas vezes a única devido à falta de outros recursos para cuidar da saúde. A utilização é menos onerosa e mais acessível, como foi verificado por Silva & Proença (2008) para famílias de baixo poder aquisitivo e quando há pouca infra-estrutura em saúde.

O conhecimento sobre o uso de plantas é transmitido oralmente de geração a geração (Amorozo 1996) por um processo de aquisição de comportamento, atitudes ou tecnologias, através da impressão, do condicionamento, imitação, ensino e aprendizagem, ou combinações destes fatores (Cavalli-Sforza *et al.* 1982). Pode ocorrer através do contato dos membros mais velhos com os mais novos, na socialização no interior do próprio grupo doméstico e de parentesco na transmissão vertical ou entre sujeitos da mesma geração na transmissão horizontal (Cavalli-Sforza *et al.* 1982; Boesch & Tomasello 1998; Lozada *et al.* 2006).

Miranda e Hanazaki (2008) relatam a importância de analisar as particularidades do conhecimento ecológico local, que é em grande parte mediado pelo contexto atual destas comunidades. Os assentamentos rurais constituem-se como novos espaços de sociabilidade que se espalham por todo o interior do país (D'Aquino 1998). São locais onde se define e se transforma a história coletiva da população rural (Cappellin & Castro 1997). Nestas áreas, estudos etnobotânicos são importantes, pois permitem avaliar de que forma os moradores reúnem as informações trazidas de seus locais de origem com as obtidas no lugar onde se instalaram,

mostrando como eles incorporam os novos, pois, oriundos de diversas regiões do país, necessitam adaptar-se e buscam, nesse novo ambiente plantas úteis as suas necessidades.

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pelos moradores do assentamento Monjolinho no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul.

Material e métodos

Área de estudo

O Assentamento Monjolinho localiza-se no município de Anastácio, MS, na porção centro-oeste do estado, a 138 km da capital Campo Grande (aproximadamente 55°33'W e 20°46'S). A vegetação predominante é o Cerrado (*lato sensu*) ainda conservado em pequenas manchas nos lotes, ou em áreas maiores de preservação permanente e reservas legais.

O assentamento é formado por 291 lotes (maioria de 20 a 50 ha) distribuídos em aproximadamente 9.500 hectares. A área pertencia à Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), que exercia a extração de madeira para as máquinas e de lastro para ferrovia, arrendamento para criação de gado e reflorestamento. Em outubro de 1988 a fazenda Monjolinho foi liberada para realização de assentamento provisório. Em dezembro de 1988, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) criou o Plano de Assentamento Monjolinho e em 1990, as famílias receberam os lotes. Dos 291 lotes, 285 foram destinados aos assentados, cinco para implantação de escolas e um para o núcleo urbano (Incr 1990).

Essa área é utilizada para agropecuária, em regime de economia familiar. Nos lotes a exploração do solo é feita com predomínio de pastagens, pois a base de economia é a produção de leite. Também ocorre a criação de gado bovino de corte e plantação de algumas culturas para subsistência, como mandioca, milho, melancia, abóbora, maxixe e feijão. A maioria dos moradores tem origem na área rural e participou de acampamentos de sem terra. Na comunidade existe um posto de saúde com um enfermeiro que na maioria das vezes encaminha os pacientes para o hospital mais próximo na cidade de Anastácio.

Métodos

Os dados foram coletados de abril de 2008 a novembro de 2009. No início do trabalho foi organizada uma reunião com a comunidade para apresentar o projeto e seus objetivos e obtenção do consentimento da comunidade para o desenvolvimento do trabalho. Posteriormente o trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde) e enviado ao Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN), para consulta sobre a necessidade de autorização. Após análise, foi dispensado de autorização daquele órgão, uma vez o assentamento não se caracteriza

como “*comunidade local*” presente no inciso III do art. 7º da Medida Provisória nº 2.186-16/2001 e sim, como comunidade de pequenos agricultores / agricultores familiares.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas baseadas em um formulário, com o uso do método bola de neve (Bernard 1995). À medida que os entrevistados informaram as plantas por eles utilizadas, essas foram coletadas com o acompanhamento do informante herborizadas, montadas, identificadas e incorporadas ao Herbário (CGMS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. As identificações botânicas foram realizadas por comparação com material depositado no herbário, por consulta à literatura pertinente e especialistas.

A grafia dos nomes científicos foi conferida utilizando a base de dados Tropicos, disponível em <http://www.tropicos.org>. Para a listagem dos táxons seguiu-se o APG III (2009). Sobre o local de origem das plantas coletadas considerou-se espontâneas as espécies nativas do Cerrado citadas na listagem da flora vascular (Mendonça *et al.* 1998) e/ou Guarim Neto & Moraes (2003) na compilação de dados sobre espécies medicinais nativas, e como cultivadas as que são plantadas pelos moradores nas áreas manejadas, como quintais e roças.

As doenças citadas pelos entrevistados foram categorizadas de acordo com o CID-10 - Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde.

Além da descrição qualitativa dos resultados, foi calculada a importância relativa das espécies citadas na comunidade, por meio da concordância quanto ao uso principal (CUP) e concordância quanto ao uso principal corrigida (CUPc) Amorozo & Gély (1988), modificado de Friedman *et al.* (1986). Foi calculado também o índice de diversidade de Shannon-Wiener e o índice de equitabilidade, que permitem comparações entre a diversidade do conhecimento etnobotânico de diferentes comunidades (Begossi 1996).

As fórmulas usadas para calcular o índice de diversidade de Shannon-Wiener e o índice de equitabilidade:

$$H' = -\sum (\pi_i) (\ln \pi_i) \quad e = H' / \log_2 S$$

Onde: S = número de espécies; $\pi_i = n_i/N$; n_i = número de citações por espécie; N = número total de citações; H' = índice de diversidade; e = índice de equitabilidade de Pielou.

Resultados e discussão

Foram entrevistadas 35 pessoas, que citaram 209 espécies de plantas medicinais (Tab. 1), distribuídas em 70 famílias botânicas, sendo as mais representativas Fabaceae (23), Asteraceae (20), Lamiaceae (9), Poaceae (9), Euphorbiaceae (7) e Myrtaceae (7). Juntas reúnem 35,9% do total de espécies citadas (Fig. 1). Resultados semelhantes onde Fabaceae e Asteraceae foram as famílias com maior número de espécies foram encontrados por Guarim Neto & Moraes (2003) para o Cerrado Mato - Grossense; Ming & Amaral-Junior (2005) na Amazônia e Amorozo (2002) no Pantanal e para Mato Grosso do Sul, Bueno *et al.* (2005).

Das 23 espécies citadas pertencentes à família Fabaceae, 20 são nativas do Cerrado. Esta é a família com maior número

de espécies do Cerrado (Mendonça *et al.* 1998). Segundo Guarim Neto & Moraes (2003), quanto maior o número de espécies em uma família, maior a probabilidade de que estas venham a ser utilizadas por populações humanas que façam uso dos recursos da flora nativa. Asteraceae é a maior família das Eudicotiledôneas e tem uma distribuição cosmopolita; no Brasil são particularmente comuns nas regiões abertas, principalmente no Cerrado e em florestas secundárias (Souza & Lorenzi 2005).

Dos 35 entrevistados, 33 são mulheres, demonstrando o interesse delas por essa categoria de plantas no assentamento, também observado nos trabalhos de Begossi *et al.* (2002); Kainer & Duryea (1992), Figueiredo *et al.* (1993) e Caniogo & Siebert (1998). Cappellin & Castro (1997) mostram que nos assentamentos estudados as mulheres eram trabalhadoras rurais, donas de casa, mães, responsáveis pela roça, pela horta e pequenas criações. No presente estudo, além dessas ocupações, elas mostraram grande conhecimento e que entram no Cerrado para buscar as plantas medicinais que precisam. Além disso, têm uma organização social (reuniões e trocas de experiências) sobre plantas com uso medicinal. Durante a formação do assentamento elas participaram de cursos oferecidos pela Pastoral da Terra sobre “medicina alternativa”, onde receberam informações sobre plantas medicinais e até hoje mantêm essa tradição.

Para verificar a importância relativa das plantas utilizadas no assentamento quanto ao número de informantes que as citaram e à concordância dos usos citados, foram listadas as plantas mencionadas por treze ou mais informantes (Tab. 2), totalizando 17 espécies. Pode-se observar que das quatro espécies que tiveram um índice de concordância de uso (CUP) alto (de 80% ou mais), três são nativas do Cerrado, como *Stryphnodendron obovatum* (barbatimão), utilizada na cicatrização de feridas, *Maytenus ilicifolia* (cancorosa), utilizada como depurativo do sangue, e *Hymenaea* spp. (jatobá), utilizada em tosses, resfriados e bronquite. Mesmo aplicando o fator de correlação, o CUP corrigido continua alto (próximo de 70%). Esses dados são diferentes dos obtidos por Pilla *et al.* (2006) e Pinto *et al.* (2006), onde as espécies que tem CUP alto são espécies cultivadas.

As espécies que obtiveram o maior número de citações foram jatobá (*Hymenaea* spp.) e o barbatimão (*Stryphnodendron obovatum*) cujas cascas são utilizadas para o tratamento de doenças. Duas espécies de jatobá foram identificadas para o local (*Hymenaea stigonocarpa* e *H. martiana*), mas os moradores não fizeram distinção dessas espécies. As partes mais utilizadas foram: folhas (42%), seguidas por raízes (21%), casca e entrecasca (21%), frutos (5,3%), sementes (5,1%), planta inteira (3,5%) e outros. As folhas são as mais citadas em diversos trabalhos sobre plantas medicinais como Schardong & Cervi (2000), Pilla *et al.* (2006) e Medeiros *et al.* (2004). O maior número de citações do jatobá e do barbatimão pode explicar o fato da casca ser uma das partes mais utilizadas. A maioria das raízes utilizadas era de ervas ou subarbustos.

Tabela 1. Lista das espécies medicinais citadas pelos moradores do Assentamento Monjolinho, Anastácio, MS. Ref = número de registro do herbário; c = cultivada; n = nativa.

Família/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
ACANTHACEAE			
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	doutorzinho, novalgina, dipirona, doril	28599	C
ADOXACEAE			
<i>Sambucus</i> sp.	sabugueiro	-	C
AGAVACEAE			
<i>Herreria salsaparilha</i> Mart.	salsaparrilha	28660	N
<i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw.	piteira, sisal, pita	-	C
ALISMATACEAE			
<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	chapéu-de-couro	28642	N
ALLIACEAE			
<i>Allium sativum</i> L.	alho	-	C
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	terramicina	28591	N
<i>Alternanthera pungens</i> Kunth	anador	28596	C
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mentruz, erva-de-santa-maria	28593	N
<i>Gomphrena celosioides</i> Mart.	perpétua, perpétua-do-campo	28629	N
<i>Gomphrena globosa</i> L.	perpétua- roxa	28662	N
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	caju-do-campo, cajuzinho-do-campo	28664	N
<i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	28610	C
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	-	C
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	aroeira	28663	N
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	pimenta-do-reino-de-árvore	28698	N
ANNONACEAE			
<i>Annona cornifolia</i> A. St.-Hil.	pinha-do-cerrado	28622	N
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	28726	C
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	pimenta-de-macaco	28638	N
APIACEAE			
<i>Anethum graveolens</i> L.	êndio	28581	C
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	28588	C
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	salsinha	-	C
APOCYNACEAE			
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	boa-noite	28727	C
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	mangaba	28584	N
<i>Nerium oleander</i> L.	espírradeira	28613	C
ARACEAE			
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	inhame	28732	C
<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	cipó-imbé	28684	N
ARECACEAE			
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	bocaiuva	-	
<i>Cocos nucifera</i> L.	coco	-	C
ARISTOLOCHIACEAE			
<i>Aristolochia arcuata</i> Mart.	cipó milomem	28670	N
<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	jarrinha ou patinho	28669	N

Continua.

Tabela 1. Continuação.

Família/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
ASPHODELACEAE			
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	-	C
ASTERACEAE			
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	carrapichinho, carrapicho, tapecuê	28565	N
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	carrapicho-de-carneiro, chifre-de-carneiro	28566	N
<i>Achillea millefolium</i> L.	mil-em-rama ou mil-homens	28573	C
<i>Achyrocline</i> sp.	marcelinha-do-campo, marcela, marcela-do-campo	28681	N
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K. Jansen	anestesiol	28695	N
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	mentrasto, confrei, erva-são-joão	28589	N
<i>Artemisia absinthium</i> L.	losna	28575	C
<i>Artemisia</i> sp.	pronto-alivio	28721	C
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	alecrim-do-campo ou vassoura	28668	N
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	28728	C
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão, picão-preto	28614	N
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	avoadeira	28678	N
<i>Eupatorium</i> sp.	assapeixe desinchadeiro	28697	N
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	28702	C
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	arnica-cravo-de-urubu, arnica, arnica-do-campo	28615	N
<i>Pterocaulon polystachyum</i> DC.	calção-de-velho, quitoco	28693	N
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica, arnica caseira	28574	C
<i>Tagetes patula</i> L.	cravo-de-defunto	28658	C
<i>Vernonia condensata</i> Baker	firgatil, estomalina	28685	C
<i>Vernonia scabra</i> Pers.	assapeixe	28597	N
BEGONIACEAE			
<i>Begonia</i> sp.	begônia	28729	C
BIGNONIACEAE			
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	carobinha-do-cerrado	28621	N
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	ipê-roxo	28570	N
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	paratudo	-	N
BIXACEAE			
<i>Bixa orellana</i> L.	colorau	28585	C
<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	algodãozinho	28592	N
BORAGINACEAE			
<i>Heliotropium indicum</i> L.	crista-de-galo	28723	N
BRASSICACEAE			
<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	28714	C
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	-	C
<i>Bromelia balansae</i> Mez	caraguatá	28673	N
BURSERACEAE			
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	emburana	28665	N
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	amescla	28687	N
CACTACEAE			
<i>Cereus</i> sp.	mandacaru	-	C

Continua.

Tabela 1. Continuação.

Família/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
CANNABACEAE			
<i>Celtis pubescens</i> Spreng.	taleiro, juá, esporão, grão-de-galo	28625	N
CARICACEAE			
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	-	C
CARYOCARACEAE			
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	pequi	28603	N
CELASTRACEAE			
<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	cancorosa	28600	N
COMBRETACEAE			
<i>Terminalia argentea</i> Mart.	capitão	28718	N
CONVOLVULACEAE			
<i>Cuscuta racemosa</i> Mart.	cabelo-de-anjo	28713	C
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	28712	C
<i>Ipomoea</i> sp.	jetirana/corda-de-viola	28671	N
COSTACEAE			
<i>Costus arabicus</i> L.	cana-do-brejo, cana-de- macaco	28619	N
CRASSULACEAE			
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	folha-santa, fortuna	28576	C
CUCURBITACEAE			
<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	28686	C
<i>Cucurbita</i> sp.	abóbora	-	C
<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	bucha-caipira	28655	N
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	28656	N
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	-	C
<i>Siolmatra brasiliensis</i> (Cogn.) Baill.	taiuiá	28730	C
CYPERACEAE			
<i>Cyperus corymbosus</i> Rottb.	junco	28731	C
DILLENIACEAE			
<i>Curatella americana</i> L.	lixeira	28666	N
<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	lixeirinha	28667	N
EQUISETACEAE			
<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	28635	N
EUPHORBIACEAE			
<i>Croton urucurana</i> Baill.	sangra-d'água	28650	N
<i>Croton</i> sp.	velame	28607	N
<i>Jatropha curcas</i> L.	pinhão	28711	C
<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	vick, vaporube, jalapa, carijó	28632	N
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	-	C
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioca	28710	C
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	28733	C
FABACEAE			
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	genciana	28682	N
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão)A.C.Sm.	emburana	28738	N
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	angico	28688	N

Continua.

Tabela 1. Continuação.

Familia/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
<i>Bauhinia mollis</i> (Bong.) D. Dietr.	pata-de-vaca	28616	N
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	feijão-guandu	28571	C
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	pau-d'óleo, copaíba	-	N
<i>Crotalaria</i> sp.	saco-de-bode	28644	N
<i>Dimorphandra mollis</i> (Bong.) D. Dietr.	fava-de-anta	28639	N
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	coronha-de-boi	28734	C
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	cumbaru	28620	N
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	28648	N
<i>Hymenaea martiana</i> Hayne	jatobá	28618	N
<i>Indigofera hirsuta</i> L.	anil	28626	N
<i>Inga vera</i> Willd.	ingá	28700	N
<i>Mimosa setosa</i> Benth.	malícia	28628	N
<i>Mimosa</i> sp.	malícia-braba	28631	N
<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	sucupira	28683	N
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	baraio, mata-pasto	28586	N
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	28563	N
<i>Stryphnodendron obovatum</i> Benth.	barbatimão	28617	N
<i>Tamarindus indica</i> L.	tamarindo	28572	C
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	maleitoso	28741	N
sp.1	mussambê	28736	N
IRIDACEAE			
<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	coqueirinho-do-campo/cebolinha	28659	N
<i>Sisyrinchium alatum</i> Hook.	capim-lanceta	28661	N
<i>Trimezia juncifolia</i> Klatt	ruibarbo	28674	N
LAMIACEAE			
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	28709	N
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	28568	C
<i>Mentha</i> sp.	hortelã-de-folha-miúda, hortelã-miúda, hortelã-menta	-	C
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	28582	C
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca, alfavaca-cravo	28590	C
<i>Origanum vulgare</i> L.	manjerona	28569	C
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-costela-de-vaca, hortelã-folha-grande, hortelã-gorda	28583	C
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo-do-chile, boldo	28578	C
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim, poleo	28701	C
LAURACEAE			
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	28708	C
LOGANIACEAE			
<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil.	quina-do-cerrado, quinao, quina-amarela	28740	N
LYTHRACEAE			
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	didal, cassete-de-burro, didaleira	28719	N
<i>Punica granatum</i> L.	romã	28567	C
MALPIGHIACEAE			
<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	nó-de-cachorro	28704	N
<i>Malpighia glabra</i> L.	acerola	-	C
<i>Peixotoa</i> sp.	nó-de-cadela	28705	N

Continua.

Tabela 1. Continuação.

Família/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
MALVACEAE			
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	-	C
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	chico-magro	-	N
<i>Luehea paniculata</i> Mart.	açoita-cavalo	28646	N
<i>Physalis</i> sp.	papo-de-peru	28743	N
<i>Sida rhombifolia</i> L.	guaxumba-miuda, guaxumba, malva-guaxumba	28612	N
<i>Sida</i> sp.	guaxumba	28672	N
<i>Waltheria indica</i> L.	malva-do-reino-branca, malva-branca	28640	N
MELIACEAE			
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	cedro	-	C
<i>Melia azedarach</i> L.	santa-bárbara, cinamomo, paraíso	28735	C
MORACEAE			
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	mamica-de-cadela	28608	N
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	carapiá	28598	N
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	amoreira	28677	N
MYRTACEAE			
<i>Campomanesia</i> sp.	guavira	28587	N
<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	eucalipto	28577	C
<i>Eugenia pitanga</i> (O. Berg) Kiaersk.	pitanga-do-campo	28706	N
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	-	C
<i>Psidium</i> sp.	araçá	28647	N
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	28645	C
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jamelão	28724	C
NYCTAGINACEAE			
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	pega-pinto, erva-tostão, amarra-pinto	28636	N
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	maravilha	28652	C
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	28649	C
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora</i>	maracujá	28651	C
PEDALIACEAE			
<i>Sesamum orientale</i> L.	gergelim	28692	C
PHYLLANTHACEAE			
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	28611	N
PHYTOLACCACEAE			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	28609	N
PIPERACEAE			
<i>Piper umbellatum</i> L.	pariparoba	28643	N
<i>Piper</i> sp.	jaborandi	28624	N
PLANTAGINACEAE			
<i>Plantago major</i> L.	tansagem	28602	C
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha-do-campo	28654	N
POACEAE			
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	lágrima-de-nossa-senhora	-	N

Continua.

Tabela 1. Continuação.

Familia/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-santo, capim-cidreira	28641	C
<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	capim-amargoso	28679	N
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	pé-de-galinha	28633	N
<i>Guadua paniculata</i> Munro	taboca	28696	N
<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	capim-gordura	28680	N
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana	-	C
<i>Sorghum bicolor</i> var. <i>technicum</i> (Körn.) Stapf ex Holland	vassoura	28715	C
<i>Zea mays</i> L.	milho	-	C
POLYGALACEAE			
<i>Bredemeyera floribunda</i> Willd.	pau-gemada	28676	N
POLYGONACEAE			
<i>Polygonum acuminatum</i> Kunth	erva-de-bicho	28637	N
PORTULACACEAE			
<i>Portulaca oleracea</i> L.	berduega	28601	C
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juá-do-norte	28707	C
ROSACEAE			
<i>Morus nigra</i> L.	amora	28605	C
RUBIACEAE			
<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	marmelo	28689	N
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	cainca	28725	N
<i>Chomelia</i> sp.	gelol	28623	N
<i>Coffea arabica</i> L.	café	28691	C
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K. Schum.	douradinha-do-campo, douradinha	28703	N
RUTACEAE			
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	28694	C
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	laranja-lima, lima	-	C
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	limão	28594	C
<i>Citrus</i> sp.	laranja	28630	C
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	mamica-de-porca	28690	N
SALICACEAE			
<i>Casearia gossypiosperma</i> Briq.	espeteiro	28675	N
SMILACACEAE			
<i>Smilax</i> sp.	japecanga	28653	N
SOLANACEAE			
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta	28716	C
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-preta	28722	N
<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba	28595	C
<i>Solanum</i> sp.	juá	28657	N
VERBENACEAE			
<i>Aloysia</i> sp.	alecrim-do-chile, alcanflor	28580	C
<i>Lantana camara</i> L.	camará, chumbinho	28627	N
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	cidreira-de-folha-redonda, sálvia, erva-cidreira	28579	C
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão ou erva-de-grilo	28564	N

Continua.

Tabela 1. Continuação.

Família/Espécie	Nome Popular	Ref	C ou N
VITACEAE			
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	28604	C
VOCHYSIACEAE			
<i>Vochysia rufa</i> Mart.	pau-doce	28737	N
ZINGIBERACEAE			
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	noz-moscada	28717	C
<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	28606	C
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	-	C
INDETERMINADA			
sp.2	quina-do-campo	28634	N
sp.3	catinga-de-urubu	28742	N
sp.4	catinga-de-porco	28739	N
sp.5	guaraná	28720	C
sp.6	urtiga	28699	N
sp.7	jôao-da-costa	28744	N

Doenças do aparelho respiratório (gripe, tosse e resfriado) e geniturinário (Fig. 2) foram as mais citadas. Resultados semelhantes foram registrados na Amazônia (Amorozo & Gély, 1988), na Mata Atlântica (Di Stasi *et al.* 2002), no Cerrado e Mata Atlântica (Pilla *et al.* 2006) e no Cerrado (Silva & Proença 2008). O fato do aparelho geniturinário ter um grande número de citações pode ter sido influenciado pelo número de mulheres que fazem parte da amostra. Todas elas citaram pelo menos uma espécie utilizada para tratar doenças como problemas no útero, cólica, regular menstruação.

A diversidade de usos das espécies é alta ($H' = 5,03$) e é próxima aos valores encontrados por Amorozo (2002) em áreas de Cerrado e reflete a disponibilidade dos recursos vegetais nativos e cultivados e a familiaridade da população com estes recursos. Isso é confirmado também pelo alto valor de equitabilidade ($e = 0,94$), mostrando que o conhecimento sobre uso de plantas tem distribuição relativamente uniforme entre os indivíduos do estudo. De acordo com Begossi (1996), índices de diversidade altos sugerem que a população utiliza uma grande parcela da diversidade local e espera-se que quanto maior a diversidade florística local, maior a diversidade de espécies usadas.

A riqueza de espécies (209) também pode ser considerada alta, sendo maior que a riqueza de espécies de plantas medicinais encontradas em estudos em comunidades tradicionais (Schardong & Cervi 2000) e indígenas (Bueno *et al.* 2005) no Mato Grosso do Sul. É possível que esse resultado tenha sido influenciado pela idade dos entrevistados, cuja faixa etária variou entre 35 e 89 anos (média 54 anos). Segundo Phillips & Gentry (1993), pessoas idosas conhecem um maior número de plantas medicinais. A facilidade em obter os recursos próximos

à sua casa para tratar as doenças e a dificuldade em ir até a cidade consultar um médico e adquirir remédios industrializados contribui para o aumento no consumo de remédios caseiros e explica a grande riqueza de espécies na comunidade. Além disso, os entrevistados se assemelham a um dos grupos estudados por Oliveira *et al.* (2010) numa comunidade urbana do nordeste brasileiro, pelo fato de terem recebido treinamento, ou seja participarem de cursos e reuniões sobre plantas medicinais e serem considerados especialistas. De acordo com esses autores, o treinamento propicia melhor aprendizado sobre a diversidade de plantas em relação a não especialistas.

Das 209 espécies citadas, cerca de 57% são nativas e inclusas na lista de plantas do Cerrado de Mendonça *et al.* (1998) e/ou Guarim Neto & Morais (2003). O restante, cerca de 43%, são cultivadas próximas das casas nas áreas manejadas como quintais e roças. Foram incluídas espécies nativas citadas nestas listas, mas que eram cultivadas pelos moradores. Bortolotto (2007) comenta que as populações humanas selecionam plantas para sua subsistência e diversificam a paisagem introduzindo espécies oriundas de outros locais e destaca que, assim como neste estudo, nas áreas manejadas (onde se incluem as roças e quintais) predominam espécies introduzidas e cultivadas. Bennett & Prance (2000) chamam a atenção para a importância das espécies introduzidas na farmacopéia vegetal de povos indígenas e mestiços do Norte da América do Sul, onde muitas destas plantas foram introduzidas na época da conquista européia, para fins alimentares e ornamentais, e seu uso acabou sendo estendido à cura de enfermidades. Houve dificuldade em separar esses grupos em função das divergências quanto aos dados encontrados. Segundo Lévi-Strauss (1987), nem sempre é fácil distinguir plantas silvestres das cultivadas, uma vez

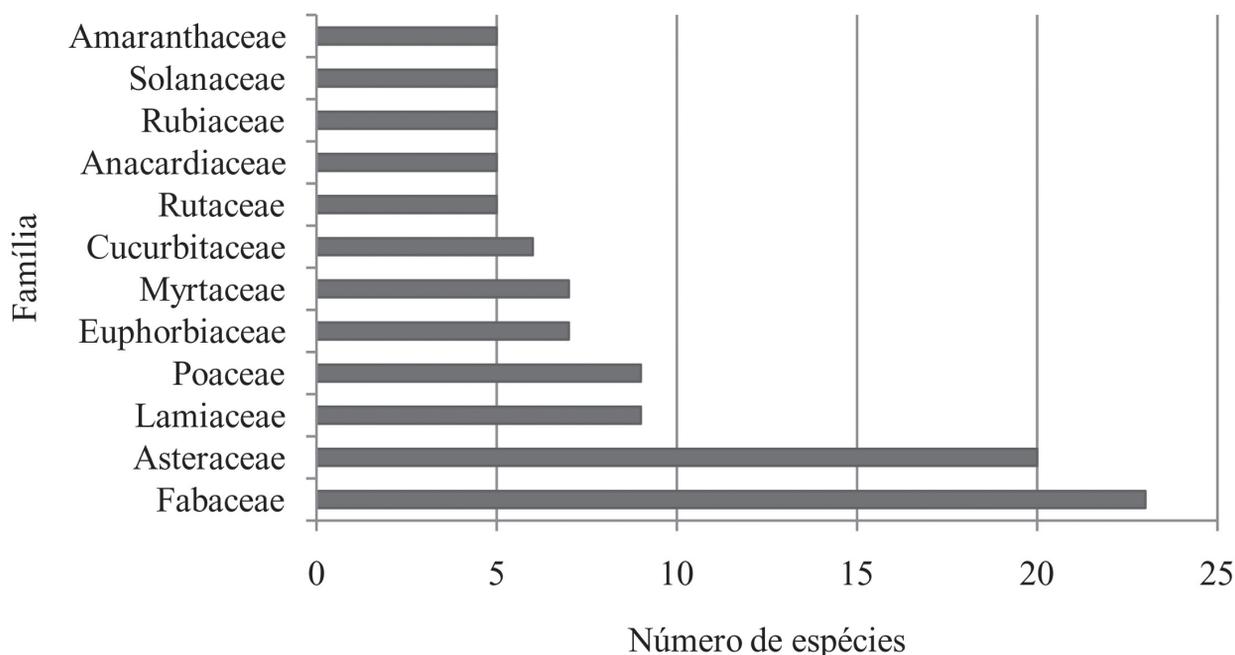


Figura 1. Famílias mais representativas das espécies medicinais usadas pelos moradores do Assentamento Monjolinho, Anastácio, MS.

que existem estágios intermediários. As espécies ruderais encontradas em áreas de Cerrado também foram incluídas na categoria nativa, pois segundo Mendonça *et al.* (1998), elas são plantas autóctones na região.

Na amostra, foi verificada em todos os lotes a presença de um quintal diferenciado do restante dos lotes do assentamento, apresentando plantas utilizadas pelos moradores como alimentícias e ornamentais, além das medicinais. A afinidade pelas plantas é uma característica dos entrevistados, que utilizam espécies nativas encontradas nas áreas preservadas dos seus lotes, as que eles toleram (presentes no pasto e na roça), as que nascem espontaneamente ao redor das suas casas. O assentamento Monjolinho tem uma ocupação recente (cerca de 20 anos) e os moradores são oriundos do Nordeste (11%), do Sudeste (28%), do Sul (21%) e 28% são de Mato Grosso do Sul. Isso mostra uma heterogeneidade da população (em relação à cultura dos diversos locais de origem) e o que os une é a identidade com a terra, fazendo com que acumulem informações, através da incorporação de novos conhecimentos sobre as plantas do local.

Os moradores do assentamento utilizam as plantas medicinais, seja para preparo de um simples chá para tratar enfermidades cotidianas, ou para tratamentos longos como os feitos com garrafadas ou xaropes. O modo de administração mais citado foi por via oral (84%), principalmente sob forma de chás (infusão ou decocção - 77%), o que também foi verificado em estudos em outras comunidades rurais como em Pinto *et al.* (2006) e Santos *et al.* (2008). Outras formas de utilização foram: tintura

(7,8%) e xarope (6%); banhos ou outro tipo de aplicação externa (8,3%). Verificou-se que eles adicionam algumas espécies no preparo do tereré e chimarrão, bebidas popularmente conhecidas no Brasil, muito consumidas na região. Utilizam a combinação de várias plantas na preparação de chás e garrafadas. Segundo Lévi-Strauss (1987), os primeiros viajantes que chegaram ao Brasil ficaram surpresos com o número de plantas medicinais conhecidas pelos índios e estes usavam remédios simples, empregando apenas uma planta de cada vez, ao contrário dos europeus, que confiavam em combinações semimágicas de ervas medicinais. Isto mostra diferentes influências na aquisição de conhecimento. Quando foi perguntado com quem aprendeu os usos das plantas medicinais, 37% dos entrevistados responderam que foi entre amigos/as ou através de cursos (17%), que pode ser considerada uma forma de transmissão horizontal. Eyssartier *et al.* (2008) citam o intercâmbio e práticas extra-familiares durante a vida adulta como sendo exemplo de fonte de informação e conhecimento. O relacionamento social permite a transmissão do conhecimento é outra das prováveis causas da grande riqueza de espécies (além da idade dos entrevistados) e do grande conhecimento a respeito dos usos medicinal dessas espécies pode ter ligação com o que foi relatado pelos moradores. Na formação do assentamento, enquanto ainda estavam acampados às margens do Córrego Engano, a Pastoral da Terra, a cada 15 dias, ministrava cursos para as pessoas com maiores aptidões com as plantas medicinais, para que essas repassassem ao demais assentados. Isso aconteceu por 1 ano até a demarcação da terra. Na região Nordeste, as Pastorais

Tabela 2. Nome científico, uso principal e porcentagem de concordância quanto ao(s) uso(s) principal (is) (espécies citadas por cinco ou mais informantes). ICUE - nº de informantes citando uso da espécie; ICUP - nº de informantes citando uso principal; CUP - índice de concordância de uso; FC - fator de correção; CUPc - CUP corrigida no assentamento Monjolinho, Anastácio - MS.

Nome Científico	Uso principal	ICUE	ICUP	CUP	FC	CUPc
<i>Stryphnodendron obovatum</i> Benth.	Cicatrizante feridas	23	21	91,3	1	82,6
<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Depurativo do sangue	18	16	88,8	0,78	69,2
<i>Morus nigra</i> L.	Pressão	21	18	85,7	0,91	77,9
<i>Hymenaea</i> spp.	Tosse, resfriados e bronquite	23	19	82,6	1	82,6
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Coluna	18	13	72,2	0,78	56,3
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Vermes	20	14	70	0,86	60,2
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Gripe forte	16	11	68,7	0,69	47,4
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Dor de barriga, má digestão	15	10	66,6	0,65	43,2
<i>Ruta graveolens</i> L.	Cólicas menstruais e pós parto	13	8	61,5	0,56	34,4
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Gripe, tosse	13	7	53,8	0,56	30,1
<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	Garganta	17	9	52,9	0,73	38,6
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Urina, rins	13	6	46,1	0,56	25,8
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Machucados	13	6	46,1	0,56	25,8
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Cicatrizante feridas	14	6	42,8	0,6	25,6
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Cicatrizante feridas	15	6	40	0,65	26
<i>Solanum</i> sp.	Furúnculo	13	5	38,4	0,56	21,5
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Problemas no útero	14	5	35,7	0,6	21,4

da Saúde e da Criança incentivam a troca de experiências entre seus integrantes, troca de mudas, cultivo em hortas caseiras ou comunitárias, organizam cursos para seus agentes, buscam informações sobre o cultivo, coleta, secagem e preparo de medicamentos simples. Segundo Scheffer *et al.* (1999) isto vem proporcionando alívio às comunidades mais destituídas de assistência médica.

Há de se acrescentar ainda o papel da família na transmissão do conhecimento, que foi citada por 39% dos entrevistados, evidenciando a transmissão vertical entre os membros da família. Lozada *et al.* (2006) encontraram esse modo de transmissão para uma comunidade rural na Patagônia. Cerca de 60% dos entrevistados é oriunda de diversas regiões do país e trazem com eles uma bagagem cultural muito grande, repassada de geração a geração pelos pais, avós ou outra figura familiar. A figura materna foi a mais representativa (74%), seguida por avós (21%). Se considerarmos que a ocupação é recente, e que os moradores tiveram diversas oportunidades de aprender com os cursos oferecidos, pode-se considerar que a família ainda pode ser considerada como importante na transmissão do conhecimento para a comunidade estudada.

A transmissão do conhecimento pode ser repassada para os filhos, irmãos, vizinhos e conhecidos, verbalmente ou acompanhando experiências práticas. Segundo Lozada *et al.* (2006), as pessoas aprendem sobre o uso de plantas: “fazendo”, através da observação participante, e através da partilha das atividades. O uso de linguagem escrita no repasse dos conhecimentos é muito pequeno. Entre as pessoas entrevistadas, o nível de alfabetização é baixo, não

passando das séries iniciais do Ensino Fundamental, o que dificulta a manutenção e repasse das informações através da escrita. Mesmo com baixa escolaridade, os entrevistados manifestaram seu interesse e aceitação pelo estudo etnobotânico no Assentamento e acharam importante o registro das informações para que o conhecimento não seja perdido e que ficasse registrado para as próximas gerações.

Apesar desse estudo mostrar a grande afinidade dos entrevistados em relação às plantas medicinais e o grande conhecimento dos seus usos, foi observado, em alguns lotes, a presença de fornos para fabricação de carvão vegetal, que é impulsionado pelas indústrias siderúrgicas que estão se estabelecendo próximas ao local. Os moradores retiram as espécies vegetais nativas para a fabricação de carvão para ajudar a renda familiar, pois como foi mostrado, eles não têm uma alternativa de renda fora a criação de gado leiteiro e a aposentadoria. O conhecimento popular sobre o uso das espécies vegetais nativas para fins medicinais pode se constituir de uma alternativa sustentável para a conservação da flora do Cerrado, além de contribuir para o registro e preservação da cultura popular. As plantas citadas são usadas no tratamento de doenças na família e algumas pessoas relataram que vendem produtos medicinais na feira na cidade vizinha de Aquidauana. As espécies comercializadas são oriundas do Cerrado, tais como douradinha (*Palicourea coriacea* (Cham.) K. Schum.) jatobá (*Hymenaea* sp.), mangaba (*Hancornia speciosa* Gomez), sucupira (*Pterodon pubescens* (Benth.) Benth.), entre outras. Espécies nativas podem ser uma alternativa econômica para o aproveitamento sustentável da região (Almeida *et al.* 1998). Se considerarmos que já

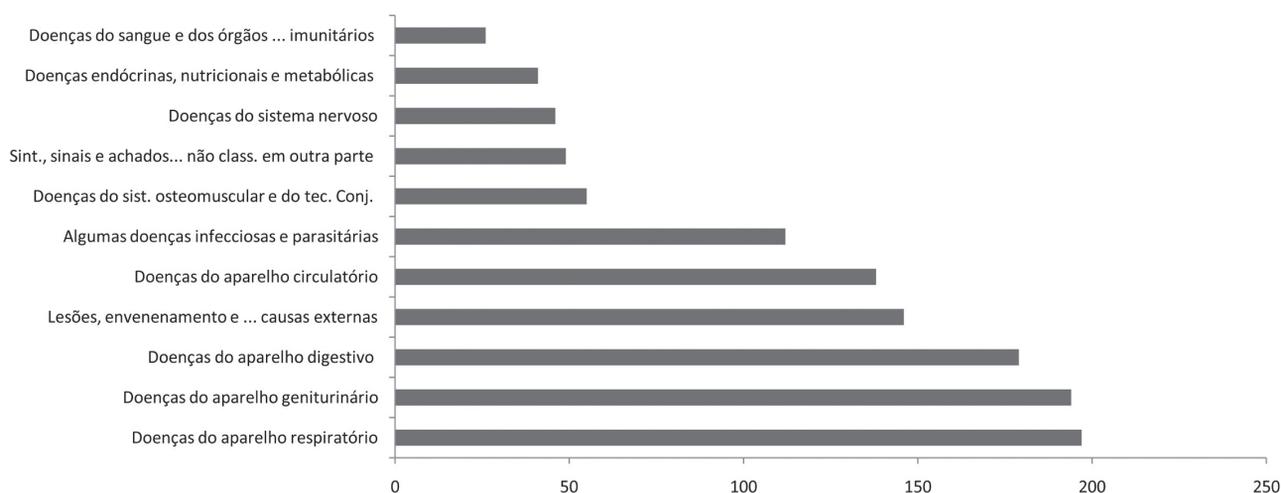


Figura 2. Número de citações de uso de plantas medicinais para cada categoria de doenças no Assentamento Monjolinho, no município de Anastácio, Nioaque - MS.

foram levantadas mais de 6.500 espécies plantas no Cerrado (Mendonça *et al.* 1998), destas mais de 500 são utilizadas como medicinais (Guarim Neto & Moraes 2003), poderia ser aproveitado o conhecimento e as práticas de manejo dessas espécies medicinais populares conhecidas pelos entrevistados, que constituem um patrimônio de imenso valor, para a comercialização destes produtos. Estudos direcionados ao desenvolvimento dessa atividade podem ajudar a dinamizar o processo, pois os moradores que comercializam plantas relataram a falta de uma organização como sendo um dos empecilhos para que essa atividade ocorra de maneira mais funcional e rentável. Eles relatam que possuem potencial mercado consumidor. É importante que se estabeleçam linhas de ação voltadas para o desenvolvimento de técnicas de manejo sustentado, visando à utilização destas espécies vegetais pelo homem, aliada à manutenção do equilíbrio dos ecossistemas tropicais. No estudo, os moradores mostraram que utilizam práticas conservacionistas como a de não anelar os indivíduos quando coletam as cascas/entrecasas das plantas e se precisasse eles procuravam outro indivíduo para não esgotar o recurso.

O conhecimento adquirido através da percepção do ambiente local, as dificuldades passadas na formação do assentamento, o pequeno acesso a sistemas de saúde pública, a bagagem cultural, os cursos oferecidos e o seu cotidiano, onde incorporam novas informações, mostram que ao longo do tempo há um grande aproveitamento e conhecimento das espécies medicinais pela comunidade estudada.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida à primeira autora; ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da UFMS; a Rede de Sementes do Pantanal em pessoa da

professora Dra Edna Scremin Dias pela disponibilidade do uso da caminhonete; aos moradores do Assentamento Monjolinho e ao CEPPEC (Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado).

Referências bibliográficas

- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 16(3): 273-285.
- Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. 2004. Seleção e escolha dos informantes. Pp. 19-35. In: Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. (Orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife, Livro Rápido/NUPEEA.
- Almeida, S.P.; Proença, C.E.B.; Sano, S. M & Ribeiro, J.F. 1998. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina, Embrapa-CPAC.
- Alves, E.O.; Mota, J.H.; Soares, T.S.; Vieira, M.C. & Silva, C.B. 2008. Levantamento etnobotânico e caracterização de plantas medicinais em fragmentos florestais de Dourados-MS. *Ciência e Agrotecnologia* 32(2): 651-658.
- Amorozo, M.C.M. 1996. A abordagem Etnobotânica na Pesquisa de Plantas Medicinais. Pp. 47-67. In: Di-Stasi, L.C. *Plantas Medicinais: Arte e Ciência: um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 16(2): 189-203.
- Amorozo, M.C.M. & Gély, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi, Série Botânica* 4: 47-131.
- Angiosperm Phylogeny Group. 2009. An update of the phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161(2): 105-121.
- Begossi, A. 1996. Use of Ecological Methods in Ethnobotany: Diversity Indices. *Economic Botany* 50(3): 280-289.
- Begossi, A.; N. Hanazaki & J. Tamashiro, 2002. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. *Human Ecology* 30:281-299.
- Bennett, B.C. & Prance, G.T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. *Economic Botany* 54(1): 90-102.

- Bernard, H.R. 1995. **Research Methods in Anthropology**. Qualitative and Quantitative Approachs. 2nd ed. Walnut Creek, Altamira Press.
- Boesch, C. & Tomasello, M. 1998. Chimpanzee and Human Cultures. **Current Anthropology** 39(5): 591- 604.
- Bortolotto, I. M. 2007. Simpósio Plantas, Povos e Paisagens: Estudos de Casos no Pantanal Sul-Mato-Grossense. Pp. 223-227. In: Barbosa, L.M. & Júnior, N.A.S. (Org.). **A botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais**. Sociedade Botânica do Brasil, São Paulo.
- Bueno, N.R.; Castilho, R.O.; Costa, R.B.; Pott A.; Pott, V.J.; Scheidt G.N. & Batista, M.S. 2005. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Acta Botanica Brasílica** 19(1): 39-44.
- Caniago, S. & Siebert, S.F. 1998. Medicinal plant ecology, knowledge and conservation in Kalimantan, Indonésia. **Economic Botany** 52(3): 229-250.
- Cappellin, P. & Castro, E.G. 1997. "Fazer, pensar e decidir: os papéis das mulheres nos assentamentos rurais. Algumas reflexões a partir de três estudos de casos". **Raízes** 15: 113-130.
- Cavalli-Sforza, L.L.; Feldman, M.W.; Chen, K.H. & Dornbusch, S.M. 1982. Theory and observation in cultural transmission. **Science** 218: 19-27
- D'Aquino, T. 1998. Assentamento Como Nova Forma de Vida Rural: Espaço e Tempo no Assentamento Rural da Fazenda Reunidas – SP. **Raízes** 15: 47-61.
- Di Stasi, L.C.; Oliveira, G.P.; Carvalhaes, M.A.; Queiroz-Junior, M.; Tien, O.S.; Kakinami, S.H. & Reis, M.S. 2002. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia** 73: 69-91.
- Eyssartier, C.; Ladio, A.H. & Lozada, M. 2008. Cultural Transmission of Traditional Knowledge in two populations of North-western Patagonia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 4: 25. 1-8.
- Figueiredo, G. M.; Leitão-Filho, H. & Begossi, A. 1993. Ethnobotany of Atlantic Forest Coastal Communities: diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruça Island, Brazil). **Human Ecology** 2(4): 419-430.
- Friedman, J.; Yaniv, Z.; Dafni, A. & Palewitch, D. 1986. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among bedouins in the negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology** 16: 275-287.
- Guarim Neto, G.; Santana, S.R. & Silva, J.V.B. 2000. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasílica** 14(3): 327-334.
- Guarim Neto, G. & Moraes, R.G. 2003. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: Um estudo Bibliográfico. **Acta Botanica Brasílica** 17(4): 561-584.
- INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. 1990. **Mapa da malha fundiária do Assentamento Monjolinho**. Coordenadoria de Cartografia. P.A. Assentamento Monjolinho. Campo Grande, INCRA.
- Kainer, K.A. & M.L. Duryea. 1992. Tapping women's knowledge: Plant resource use in extractive reserves, Acre, Brazil. **Economic Botany** 46: 408-425.
- Lévi-Strauss, C. 1987. "O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical". Pp. 29-46. In **Suma Etnológica Brasileira – Volume 1: Etnobiologia**, Berta G. Ribeiro, coord... Petrópolis, Vozes; FINEP.
- Lozada, M.; Ladio, A. & Weigandt, M. 2006. Cultural transmission of ethnobotanical knowledge in a rural community of northwestern Patagonia, Argentina. **Economic Botany** 60: 374-385.
- Medeiros, M.F.T.; Fonseca, V.S.; Andreato, R.H.P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 18(2): 391-399.
- Mendonça, R.C.; Felfili J.M., B.M.T. Walter; Silva Júnior M.C.; Rezende A.V; Filgueiras T.S. & Silva P.E.N. 1998. Flora vascular do cerrado. Pp. 288-556. In: Sano, S.M., & Almeida, S.D. P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina, Embrapa-CPAC.
- Milliken, W & Albert, B. 1996. The use of medicinal plants by the Yanomami Indians of Brazil. **Economic Botany** 50(1):10-25.
- Ming, L.C. & Junior, A.A. 2005. **Aspectos Etnobotânicos de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes"**. Florística e Botânica Econômica do Acre, Brasil. The New York Botanical Garden. Disponível em: <http://www.nybg.org/bsci/acre/www1/medicinal.html>
- Miranda, T.M. & Hanazaki, N. 2008. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 22: 203-215.
- Nunes G.P.; Silva M.F.; Resende U.M. & Siqueira J.M. 2003. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia** 13: 83-92.
- Oliveira, F.C.; Albuquerque, U.P.; Fonseca-Krueel, V.S. & Hanazaki, N. 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 23(2): 590-605.
- Oliveira, G.L.; Oliveira, A.F.M. & Andrade, L.H.C. 2010. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 24(2): 571-577.
- Pagotto, T.C.S.; Camilotti, D.C.; Longo, J.M.; Souza, P.R. 2006. Bioma Cerrado e área estudada. Pp.18-30 In: Pagotto, T.C.P., Souza, P.R (Eds.). **Biodiversidade do Complexo Apore-Sucuriú – Subsídios à conservação e manejo do bioma Cerrado**. Campo Grande, Ed. UFMS.
- Pasa, M.C.; Soares, J.J., Guarim Neto, G. 2005. Ethnobotany study in community of Conceição-Açu (on the upper basin of the River Aricá Açu, MT, Brazil). **Acta Botanica Brasílica** 19(2): 195-207.
- Phillips, O. & Gentry, A. H.1993. The Useful Plants of Tamboapata, Peru: II. Additional Hypothesis Testing in Quantitative Ethnobotany. **Economic Botany** 47: 33-43.
- Pilla, M.A.C.; Amorozo, M.C.M. & Furlan, A. 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 20(4): 789-802.
- Pinto, E.P.P.; Amorozo, M.C.M. & Furlan, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 20(4): 751-762.
- Pott, A.; Pott, V.J. 1994. **Plantas do Pantanal**. Brasília, Embrapa.
- Prance, G.T. 1987. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. Pp. 119-133. In: Ribeiro, D. (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 1. Etnobiologia. 2 ed. São Paulo, Vozes/FINEP.
- Santos, J.F.L.; Amorozo, M.C.M.; Ming, L.C. 2008. Uso de plantas medicinais na comunidade rural da Vagem Grande, município de Natividade da Serra, SP. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 10(3): 67-81.
- Schardong, R.M.F. & Cervi, A.C. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica Paranaense** 29(1/4): 187-217.
- Scheffer, M.C., Ming, L.C., Araújo, A.J. 1999. Conservação de recursos genéticos de plantas medicinais. In: Queiróz, M.A. de; Goedert, C.O.; Ramos, S.R.R. (Eds.). **Recursos Genéticos e Melhoramento de Plantas para o Nordeste brasileiro**. (on line). Petrolina, Embrapa Semi-Árido/Brasília-DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Disponível: <http://www.cpsa.embrapa.br>.
- Silva, C.S.P.; Proença, C.E.B. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 22(2): 481-492.
- Souza, L.F. 2007. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorzal, MT, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 9(4): 44-54.
- Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2005. **Botânica Sistemática**. Guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa, Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda.
- Vila Verde, G.M.; Paula, J.R. & Caneiro, D.M. 2003. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Revista Brasileira de Farmacognosia** 13: 64-66.